



## **FAMÍLIAS UNIPARENTAIS: UM ESTUDO SOBRE AS MÃES SOLO DISCENTES DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIFAMETRO.**

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**GONÇALVES; Andréia Firmino <sup>1</sup>, VIEIRA; Irinéia Raquel <sup>2</sup>**

### **RESUMO**

#### **INTRODUÇÃO**

Este estudo reflete acerca da realidade das mães solo discentes do curso de serviço social da UNIFAMETRO em Fortaleza - CE. Buscamos identificar como aspectos relativos ao contexto social e familiar influenciam em seu processo de formação no ensino superior. O interesse pelo tema surgiu com intuito de mostrar os desafios e possibilidades de conciliar maternidade solo e formação acadêmica. Diante disso, este estudo tem por objetivo geral analisar as características e estratégias individuais adaptativas ao processo de maternidade utilizadas pelas mães solo, estudantes do curso de Serviço Social da UNIFAMETRO, para sua inserção e permanência na formação acadêmica. Dentre os objetivos específicos destacamos, identificar o perfil das mães solo estudantes do curso de Serviço Social na Unifametro, do turno noturno; Verificar o que significa a formação acadêmica profissional para essas mulheres, tendo em vista, as opções e/ou imposições enfrentadas no decorrer do processo da maternidade; Conhecer as estratégias encontradas para a inserção e permanência da formação profissional na educação superior. O estudo apresentado pretende contribuir para o aprofundamento e qualificar melhor outras percepções e realidades da relação mães solo e educação superior

#### **MÉTODOS**

Nesta pesquisa, buscou-se analisar, identificar e conhecer a realidade das mães solo no âmbito social e universitário. A abordagem escolhida para esta pesquisa é a qualitativa, pois objetiva responder às questões particulares e específicas, em um universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, tomando um caminho do singular para o universal, será possível uma análise mais aprofundada e completa, dos aspectos estudados. (MINAYO, 2010). Além de utilizarmos uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa dos dados obtidos, também empregamos uma análise bibliográfica.

A pesquisa de campo foi realizada exclusivamente com quatro estudantes, mães solo do curso de Serviço Social da Unifametro, localizado em Fortaleza - CE. A entrevista se deu por meio de um questionário online aplicado através da plataforma Google Forms devido a pandemia de COVID 19<sup>[1]</sup>.

#### **RESULTADOS**

A partir das entrevistas realizadas com as mães solo discentes do curso de Serviço Social da

<sup>1</sup> Faculdade Vale do Jaguaribe, andreia.firmino04@gmail.com

<sup>2</sup> UNIFAMETRO, vieiraquel.ss@gmail.com

Unifametro, pudemos traçar o perfil das entrevistadas, a fim de fomentar o debate acerca de suas condições financeiras, raciais e etárias, o mesmo pode ser visualizado na tabela a seguir:

PERFIL DAS ENTREVISTADAS						
	IDADE	TRABALHA	RENDA	AUTODECLARAÇÃO	REDE DE APOIO	JÁ LEVOU O FILHO PARA A UNIVERSIDADE
ENTREVISTADA 01	22	NÃO	MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO	PRETO	SIM	SIM
ENTREVISTADA 02	25	SIM	ENTRE UM E TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS	PRETO	SIM	SIM
ENTREVISTADA 03	27	SIM	ENTRE UM E TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS	BRANCO	SIM	SIM
ENTREVISTADA 04	32	SIM	ENTRE UM E TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS	PRETO	SIM	SIM

Nesse sentido, identificamos que em relação a idade as entrevistadas afirmaram ter idades entre 22 e 32 anos. Em seguida, perguntamos se as entrevistadas exerciam atividades profissionais, percebeu-se que das quatro entrevistadas, apenas uma não trabalha. Além disso, também percebemos que apenas uma das entrevistadas, concludentes hoje, exerce a profissão de Assistente social.

Buscando compreender o perfil econômico das entrevistadas, foi questionada a renda familiar mensal. A partir das respostas, podemos perceber que 75% das entrevistadas possuem a renda familiar mensal entre um e três salários mínimos, já 25% das entrevistadas possuem a renda menor que um salário mínimo. Isso possibilita a reflexão acerca das desigualdades econômicas das famílias brasileiras. Ainda sobre isso, a Pesquisa Mulheres Chefes de Família no Brasil: Avanços e Desafios (2018), mostra rendimentos femininos e masculinos segundo o tipo de arranjo familiar e confirma que, para o conjunto das famílias, as mulheres recebem uma renda menor do que a dos homens. Isso demonstra que fatores como gênero impactam de forma direta na renda das famílias que são chefiadas por mulheres.

Além disso, segundo Abramo (2007), os empregadores veem a maternidade como um limitador e empecilho para a produtividade das mulheres, essa mesma preocupação não atinge os homens, pois os cuidados com os filhos, na maioria das vezes, recaem sobre a mulher.

No que diz respeito a autodeclaração, vimos que 75% das mães solo entrevistadas se autodeclararam pretas, enquanto 25% se declaram brancas. Este dado pode ser demonstrado na pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando diz que 61% das mães solo no Brasil são mulheres pretas, enquanto 28% são mulheres brancas, isso em arranjos uniparentais com filhos de até 14 anos.

Vale ressaltar um importante dado relatado na Síntese dos Indicadores sociais do IBGE, afirmando que no Brasil 63% das casas chefiadas por mulheres pretas estão abaixo da linha da pobreza. Desse modo, podemos trazer a reflexão de Vitale (2002), quando diz que a dimensão da pobreza se intensifica quando vinculamos a uniparentalidade, sexo e etnia. A autora destaca que as famílias uniparentais chefiadas por mulheres pretas têm se mostrado com menores condições de oferecer cuidados básicos para seus filhos. Dessa forma, a relação entre uniparentalidade e etnia expressa condições de vida ainda mais difíceis para essas mulheres.

À vista disso, foi pertinente questionar as entrevistadas se recebiam algum tipo de auxílio/benefício do governo. Dessa forma, apenas uma das quatro entrevistadas citou receber benefício sendo ele o

<sup>1</sup> Faculdade Vale do Jaguaribe, andrea.firmino04@gmail.com

<sup>2</sup> UNIFAMETRO, vieiraquel.ss@gmail.com

auxílio emergencial. No Brasil, 92% das famílias beneficiárias do bolsa família têm mulheres como titulares[2], parte dessas mulheres se cadastrou para receber o auxílio emergencial oferecido durante a pandemia do COVID-19.

Logo após, as entrevistadas foram questionadas acerca de como a maternidade solo influencia no processo de formação profissional. Nesse âmbito, percebeu-se que 100% das entrevistadas consideram negativa a influência da maternidade sob o seu processo de formação no ensino superior.

“a maternidade exige da mulher muito tempo, esforço e cuidado. O que não é exigido dos homens. Os homens, em sua maioria, conseguem estudar e fazer outras atividades sem grandes preocupações com os filhos, já as mulheres não tem essa mesma *folga*. (Entrevistada 1).

“Negativa. A maternidade é algo que demanda muito tempo, a formação também e ambas precisam de empenho, então várias vezes acabo deixando a formação de lado para de dedicar a minha filha. E infelizmente isso me frustra, porque eu acabo sempre pensando que eu deveria conseguir fazer os dois”. (Entrevistada 4).

Podemos identificar que as entrevistadas citam a falta de tempo como um fator da maternidade solo que influencia negativamente no processo de formação profissional. De acordo com Urpia (2009), um dos desafios da discente mãe, é essa dupla jornada, onde a mulher tem que ser mãe e ao mesmo tempo estudante universitária, surgindo desvantagens na vida acadêmica como a falta de tempo, cansaço físico e psicológico que surge dessa rotina dupla e na maioria das vezes tripla.

Outro ponto abordado pelas entrevistadas foi o sentimento de frustração por não conseguir fazer as atividades por completo de ser mãe e universitária. Sobre essa questão, Bitencourt (2011) afirma que as mulheres que decidem por conciliar esses processos de maternidade e formação profissional passam por conflito, pois incorporaram o discurso da produtividade que é focado exclusivamente para o fazer acadêmico, no entanto, não conseguem incorporar a competitividade presente no campo acadêmico. O que faz com que se sintam excluídas por não sustentar o discurso do “ser produtiva”, mas também se sentem “culpadas” por, de alguma forma, deixar de lado as responsabilidades vinculadas ao seu filho.

A seguir, consideramos pertinente questionar as entrevistadas com quem deixavam seus filhos enquanto estavam na universidade. Assim, é possível perceber que 100% das entrevistadas deixam os filhos com algum parente no período que se encontram na universidade, demonstrando que existe, de certa forma, um suporte familiar e uma rede de apoio para que essas mulheres frequentem e permaneçam na universidade.

Em seguida, questionamos se as entrevistadas já tiveram que levar seus filhos para a Universidade por não ter com quem deixar. Dessa forma, constatamos que 100% das entrevistadas afirmaram que em algum momento precisaram levar seu filho para a sala de aula. Assim, tornando a experiência da formação profissional ainda mais árdua.

Também questionamos se as entrevistadas encontraram dificuldades para que a criança pudesse estar na sala de aula e as respostas foram as seguintes.

“primeiro o incômodo que os outros alunos sentiam quando ela chorava. E a estrutura da faculdade que não é favorável pra uma mãe”. (Entrevistada 1).

“A dificuldade que encontrei foi não ter um lugar adequado para trocar meu filho, caso eu precisasse amamentar existiam algumas pessoas que se incomodavam”. (Entrevistada 3).

Dessa forma, identificamos que as entrevistadas citam a estrutura da universidade, a falta de um espaço adequado para deixar seus filhos e a não compreensão dos colegas como umas das

<sup>1</sup> Faculdade Vale do Jaguaribe, andreia.firmino04@gmail.com

<sup>2</sup> UNIFAMETRO, vieiraquel.ss@gmail.com

principais dificuldades encontradas pelas nossas entrevistadas. Nessa perspectiva, notamos o quanto seria importante a implementação de um lugar aquedado para que as mães discentes deixassem seus filhos enquanto estão na sala de aula.

Em seguida, perguntamos as entrevistadas as maiores dificuldades que elas encontram por serem mães e estudantes. As Entrevistadas citam como dificuldades e desafios a jornada tripla entre maternidade, trabalho e faculdade.

Nesse sentido, de acordo com Soares (2013), essa situação faz com que as estudantes vivenciem vários sentimentos, como ansiedade, angústia e culpa. Por esse motivo, é importante fomentar o debate acerca dessas questões, podendo servir de um instrumento de fortalecimento para essas mães que se deparam constantemente com diversos empecilhos, durante esse processo. Além disso, para o autor, conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica em uma sociedade onde as responsabilidades sobre o cuidado dos filhos sempre recaem para as mulheres se constitui como um desafio que vai além das questões acadêmicas.

Em seguida, questionamos as entrevistadas sobre o que a formação acadêmica significa em suas vidas. Podemos notar que para todas as entrevistadas a formação profissional significa a esperança de mudança de vida. Para a Entrevistada 1, a formação é importante por que significa

“Conhecimento. Mas depois do nascimento da neném, também é um horizonte, uma forma de ter uma certa "certeza" de que vou conseguir educar e sustentar ela da forma que eu planejo”. (Entrevistada 1).

Além disso, é possível ver em algumas falas o quanto a formação profissional representa o anseio pelo conhecimento até o desejo de ser inspiração para que os filhos também busquem uma formação acadêmica. Nesse sentido, a entrevistada 2 afirma:

“Para mim a formação acadêmica significa uma esperança de mudar meu futuro e também de incentivo para que meus filhos também busquem uma faculdade”. (Entrevistada 2).

Ademais, pudemos notar que a formação é a motivação para uma vida mais confortável para aqueles que dependem dessas mulheres. Dessa maneira, a entrevista 3 responde que

“Significa uma chance de mudar o percurso da minha vida, no sentido de melhora da qualidade de vida. Além de também poder dar um futuro melhor para meu filho”. (Entrevistada 3).

“A formação acadêmica significou para mim uma mudança e uma alavancada na minha vida. Foi uma chance de crescimento e de mostrar para os meus filhos que se eu fui capaz eles também serão”. (Entrevistada 4).

Ainda sobre isso, Matos e Borelli (2012), salientam que a educação das mulheres é vista como um dos aspectos fundamentais para a independência e autonomia dessas mulheres que são mães.

Por fim, perguntamos para as entrevistadas se já sofreram preconceito por parte dos funcionários da Universidade por ser mãe e estudante. Nesse sentido, duas das entrevistadas relataram ter sofrido preconceito.

“De certa forma sim. As professoras tentam sempre ajudar, mas muitas vezes ficam chateadas quando a justificativa de algo não feito, ou feito de maneira "ruim" é a criança. Parece até que ela(criança) nunca pode ser prioridade”. (Entrevistada 1).

<sup>1</sup> Faculdade Vale do Jaguaribe, andreia.firmino04@gmail.com

<sup>2</sup> UNIFAMETRO, vieiraquel.ss@gmail.com

“De certa forma sim, existem alguns professores compreensivos, mas também existem aqueles que não são”. (Entrevista 2).

Dessa forma, ressaltamos que a equipe de docentes do curso de serviço social é majoritariamente feminina, bem como, os discentes da graduação e apesar disso, é constatada a falta de empatia relatada pelas entrevistadas por parte das docentes. Nesse contexto, também é importante salientar que o curso aborda questões pertinentes ao estudo de gênero, classe social e outras questões importantes para desconstrução de tipos de conservadorismo.

Dessa maneira, o anseio de oferecer um futuro melhor para seus filhos faz com que essas mulheres enfrentem vários obstáculos diariamente. Além disso, ainda precisam lidar, em alguns dos casos, com a falta de compreensão por parte de alunos e professores da instituição. Diante de tudo isso, uma rede de apoio, tanto de colegas docentes e família se torna essencial para a permanência dessas mulheres na formação de ensino superior.

## **CONCLUSÕES**

Esta pesquisa focou na realidade das mulheres mãe solo e estudantes de Serviço Social na UNIFAMETRO. Nesse sentido, percebemos que as entrevistadas utilizam como estratégia para permanência na formação acadêmica a rede de apoio familiar, para que possam frequentar as aulas e assim, permanecer na formação de ensino superior.

Percebemos também que a educação de ensino superior, tem um significado importante para as entrevistadas. Todas elas, destacaram que buscam a formação acadêmica para a conquista de melhorias e autonomia em suas vidas e na vida das pessoas que dependem delas. Além disso, citam que com a possibilidade de uma formação acadêmica, podem inspirar seus filhos para que busquem o mesmo. Assim, mudando o percurso de suas histórias.

Além disso, esta pesquisa constatou a ausência de auxílio da Universidade com as mulheres que são mães e discentes, onde as entrevistadas citam desde a ausência de local adequado para deixar seus filhos até falta de empatia por parte da Universidade. Nessa perspectiva, é necessário buscar dar suporte para todas essas estudantes que necessitam de medidas para persistir e conseguir aproveitar a graduação da melhor maneira, sem prejuízos em seu aprendizado. Sendo este, mais um obstáculo a se percorrer em busca de uma educação e melhoria da qualidade de vida dessas mulheres.

## **REFERENCIAS**

{1} MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo (SP): Hucitec, 2014. 393p.

{2} CAVENAGHI, Suzana Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios / Suzana Cavenaghi; José Eustáquio Diniz Alves. -- Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.

{3} ABRAMO, Laís Wendel. A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária? Tese (Sociologia) 327p. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de, São Paulo, 2007.

{4} INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Síntese de Indicadores. 2015. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016.108p.

{5} URPIA, A. M. O. (2009). Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana\\_maria\\_urpia.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana_maria_urpia.pdf).

{6} BITENCOURT, Silvana Maria. Os efeitos da política de produtividade para as novas gerações de

<sup>1</sup> Faculdade Vale do Jaguaribe, andreia.firmino04@gmail.com

<sup>2</sup> UNIFAMETRO, vieiraquel.ss@gmail.com

acadêmicas na fase do doutorado. Estud. sociol. Araraquara v.19 n.37 p.451-468 jul.-dez. 2014.

{7} SOARES, Vera. Movimento Feminista. Paradigmas e desafios. Revista Estudos Feministas. São Paulo: s.n,1994.

{8} MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 126-147.

[1] A pandemia de COVID-19 é uma doença respiratória aguda grave causada pelo coronavírus que é denominado SARS-CoV-2. A doença foi identificada de início em Wuhan na China e logo foi disseminada e transmitida pessoa a pessoa.

[2] Senarc/MDSA, 2016. Dados disponíveis em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/index.php?file=entrada&relatorio=153>

**PALAVRAS-CHAVE:** Família, Maternidade, Formação Profissional